

Eduardo Passos Damasceno Soares

***Blogs e Redes Sociais como
Ferramentas de Aprendizado da
WEB 2.0***

Universidade Candido Mendes

Índice

INTRODUÇÃO	7
1 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE RECURSOS DA <i>web 2.0</i>	9
1.1 Internet e inclusão digital de alunos e professores . . .	9
1.2 Adequação dos professores à Internet	12
2 DIFERENÇAS ENTRE OS PROJETOS UTILIZADOS NAS ESCOLAS	18
2.1 A Informática Educativa como ferramenta de <i>marketing</i>	18
2.2 Utilização dos <i>blogs</i> nas escolas	19
3 PROJETOS COM NOVAS MÍDIAS EM DISCIPLINAS ESCOLARES	23
3.1 Experiências de professores	24
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	29

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os professores do curso de Tecnologia Educacional e aos colegas de classe que se tornaram bons amigos.

Dedicatória

Dedico esse trabalho à Juliana, minha esposa, que conseguiu despertar meu interesse pela área acadêmica.

Resumo

As mudanças proporcionadas pela inclusão de recursos da Internet e de novas tecnologias às aulas exigem dos professores o domínio de ferramentas e de diferentes modos de aplicação de atividades. Tais atividades devem relacionar o conhecimento e as experiências dos alunos com o conteúdo da disciplina de cada professor. Além disso, em alguns casos é possível ligar diferentes áreas de conhecimento e mostrar aos jovens a necessidade de ter autonomia para pesquisa e produção de conteúdo.

Dessa forma, o professor deve conhecer as ferramentas e revelar-se disposto a negar o papel centralizador de proprietário do conhecimento. A compreensão do funcionamento e o domínio de seus usos em situações variadas fazem com que os professores e os alunos possam estar em patamares mais próximos, pois os alunos podem reconhecer que possuem a capacidade de pesquisar e de produzir conteúdo próprio.

Assim, cabe a todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem a busca pelo domínio não somente de ferramentas técnicas. É necessário que o conhecimento sobre o funcionamento de *softwares* e sobre a Internet consiga se transformar em um impulso para a produção de conteúdo.

Palavras chave: Blogs, professores, *web 2.0*.

Metodologia

Esse trabalho foi elaborado, em sua primeira etapa, por meio de uma pesquisa de bibliografia pertinente ao tema. Foram utilizados textos de pesquisadores dedicados ao estudo sobre a utilização de novas tecnologias em sala de aula e, de maneira mais ampla, de teóricos que tratam das mudanças trazidas pelo uso de novas mídias e da Internet à educação e à sociedade como um todo.

Após a pesquisa bibliográfica, tornou-se necessário unir as reflexões teóricas apresentadas à questão prática da utilização de novas mídias nas escolas. Para isso, a fim de exemplificar a maneira como os *blogs* são aproveitados em atividades didáticas, este trabalho traz entrevistas com professores que desenvolvem trabalhos com novas tecnologias voltadas à educação. Com isso, acreditamos ser possível perceber como essas tecnologias estão sendo utilizadas no dia-a-dia desses professores e se as instituições de ensino incentivam ou não o uso das novas mídias como ferramentas educacionais atualmente.

Assim, para observar as relações entre a prática dos professores, as instituições de ensino e a sociedade, foi preciso pesquisar também em relatórios publicados por órgãos do governo federal que tratam das diferentes possibilidades de acesso à Internet da população brasileira para a educação, a fim de buscar embasamento em dados oficiais sobre o assunto.

INTRODUÇÃO

HÁ aproximadamente uma década, a Internet é reconhecida como um espaço participativo. A rede mundial passou por uma mudança de perfil, abrindo mais espaço para a participação de usuários comuns. A partir do final da década de 1990, a participação dos chamados internautas na Rede passou a ser mais reconhecida, permitida e incentivada. Surgiu, então, a chamada *Web 2.0*, também chamada de *Web Participativa*.

Com isso, os jovens, principalmente, passaram a ser o primeiro grande grupo de usuários da Internet. Redes sociais, serviços de trocas de mensagens *on-line*, programas como o Napster, redes de trocas de arquivos que possibilitam o compartilhamento de músicas, e os *blogs* pessoais criaram uma nova realidade na produção de conteúdo. Mais do que uma fonte de pesquisa, a Internet passou a ser um grande espaço para a criação e troca de conhecimento e informação.

Nessa nova realidade, na qual os professores percebem que precisam desenvolver atividades com apelos diferentes para os jovens, é muito importante que os profissionais se mantenham atualizados e conheçam novas ferramentas educativas que atraiam os estudantes.

Para entender como as relações entre os jovens em idade escolar se desenvolvem na Internet, com foco na produção de atividades escolares, o presente trabalho tem como objetivo entender a maneira como os *blogs* e redes sociais podem ser utilizados como ferramentas de aprendizado da *Web 2.0*. Dessa forma, é preciso identificar a maneira como os professores utilizam esses recursos.

Muitas escolas, principalmente as particulares, pretendendo adequar-se à influência da Internet na vida dos alunos, tentam elaborar atividades com a utilização das novas mídias e recursos da Internet. No entanto, nem sempre tais atividades exploram todas as potencialidades das novas mídias.

Os alunos sabem utilizar a Internet, acessam diversas páginas, serviços de *chat*, redes sociais, fazem *download* de imagens, filmes e músicas. O professor, portanto, deve estar capacitado para utilizar ou, pelo menos, conhecer o modo de uso das ferramentas mais populares entre as crianças e adolescentes. Sendo assim, temos como objetivo, neste

trabalho, demonstrar as diferentes maneiras que os recursos da Internet, como os *blogs* e redes sociais são utilizados pelas escolas.

Além disso, é preciso que descubramos se os professores pensam em novas atividades que só podem ser feitas na Internet ou apenas adaptam o que já faziam em sala de aula? Caso os professores apenas façam a transposição de metodologias que já aplicam em sala de aula para a Internet, será preciso descobrir de que forma os professores podem aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a *Web 2.0*.

Outra possibilidade é analisar o modo como os alunos vêm tais atividades *on-line*. Caso eles encarem os exercícios da mesma forma que em sala de aula, será preciso avaliar como os professores superam essa limitação. Pretende-se também descobrir se os professores apresentam dificuldades ou facilidades em buscar aperfeiçoamento para as atividades digitais.

Dessa forma, é preciso analisar como e se tais iniciativas são realmente praticadas nas escolas de forma inovadora e atrativa para os alunos ou apenas seguem uma tendência que acaba por se revelar apenas um diferencial de mercado. Para isso, analisaremos depoimentos de duas professoras que atuam em escolas particulares no estado do Rio de Janeiro, verificando como são postos em prática pelas escolas os projetos que envolvem o uso de *blogs* e redes sociais.

Outras fontes de pesquisa serão os estudos de iniciativas que já foram tomadas e a leitura de livros e artigos que tratam das mudanças educativas e sociais para a produção de conteúdo com a *Web 2.0*.

1 VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE RECURSOS DA *web 2.0*

Podemos dar inúmeros exemplos de mudanças trazidas pela Internet para toda a sociedade. A principal delas tem a ver com a aquisição de conhecimento e com a transmissão de informações. Nos outros meios de comunicação, o público assume uma postura passiva, que pode ser percebida desde o nome que é dado a esse público – ouvintes, leitores ou telespectadores. Por outro lado, a Internet não possui um público unicamente receptor e, por isso, estimula a produção de conteúdo.

Não só pelo fato de poder comentar o que lê, escuta ou vê, mas por poder produzir suas próprias informações, o público dos novos meios de comunicação assume uma postura diversa da que vinha ocorrendo até então. A participação como produtores de conteúdo, mesmo que passando despercebida, pode ser considerada inerente às mais variadas classes sociais.

1.1 Internet e inclusão digital de alunos e professores

O principal formato da nova lógica de produção de conteúdo surgida com a Internet é o *weblog*, mais conhecido pela abreviação *blog*. Em *Para Entender a Internet – noções, práticas e desafios da comunicação em rede*¹, coletânea de textos sobre os principais conceitos e ferramentas da rede disponível para *download* gratuito no *site* do Ministério da Cultura, Edney Souza, administrador de um dos *blogs* mais acessados do país², define como os leitores dos *blogs* se relacionam. Segundo SOUZA (2009), “ao transformar esse veículo *online* num espaço pessoal, os internautas passaram a se relacionar nesse espaço. Leitores não blogueiros³ podem usar o espaço de comentários para conversar sobre o assunto do texto”.

Tal característica do material fica evidente desde a introdução do livro, onde podemos encontrar o seguinte esclarecimento: “(...) este

¹Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2009/03/20/livro-para-entender-a-internet-e-gratis-e-cabe-em-um-email/> - acessado em 09/06/2009.

²Disponível em <http://www.interney.net/> - acessado em 09/06/2009.

³Termo utilizado para caracterizar os autores e os proprietários dos blogs.

é um livro diferente, um livro aberto, que convida você a participar dele” (SPYER, 2009, p.3)⁴. *Para Entender a Internet - noções, práticas e desafios da comunicação em rede* é um livro virtual, que pode ser corrigido e comentado pelos leitores. Além disso, o arquivo em formato PDF do livro possui diversos *links* para todas as referências.

Não é preciso que todos os leitores de *blogs* se tornem blogueiros, mas a possibilidade de acessar um site e comentar o conteúdo nele presente faz com que esse público se torne mais consciente de suas oportunidades enquanto produtores de conteúdo. E, a partir dessa conscientização cada vez maior sobre as potencialidades do uso de novos recursos nas escolas, é possível compreender a razão para a grande variedade de uso dos *blogs* atualmente.

Há blogs criados e dinamizados por professores ou alunos individuais, há blogs de autoria colectiva, de professores e alunos, há blogs focalizados em temáticas de disciplinas específicas e outros que procuram alcançar uma dimensão transdisciplinar. Há blogs que se constituem como portfólios digitais do trabalho escolar realizado e blogs que funcionam como espaço de representação e presença na Web de escolas, departamentos ou associações de estudantes (GOMES, 2005, p. 311).

A Rede criou um cenário propício para a divulgação e circulação de conteúdo cultural. Conteúdo que é criado, muitas vezes, pelas pessoas que costumavam apenas consumir produtos e informações de outros meios de comunicação passivamente. Assim, é possível entender que vivemos em uma época de construção. Não há um material ou conteúdo que esteja acabado.

A possibilidade de muitas leituras diferentes, portanto, transforma um texto em vários, que assumem sentidos diversos de acordo com as experiências de cada um dos seus leitores. Trata-se de uma época de realinhamento, possibilitados pelo aumento da velocidade de produção de informação e conhecimento, como explica a pesquisadora Maximina

⁴SPYER, Juliano. Para entender a Internet – noções, práticas e desafios da comunicação em rede. São Paulo. Nãozero. 2009.

Maria Freire em seu artigo “Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando...”⁵.

O ponto de partida para esse realinhamento parece estar no entendimento da própria sociedade e dos traços que a caracterizam atualmente. O contexto social em que vivemos é marcado pela rapidez e imediatismo proporcionados por novas modalidades de acesso, armazenamento, recuperação e intercâmbio de informações. Essa caracterização não apenas nos coloca diante de possibilidades únicas de construção e manipulação de conhecimentos, mas, também, origina formas distintas de trabalho, comunicação e interação com o meio, com o outro e com o próprio indivíduo (FREIRE, 2009, p. 14).

Os entusiastas, com o discurso de que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) trouxeram inúmeras possibilidades para a aquisição e, sobretudo, compartilhamento de informações e conhecimentos, destacam, na maioria dos casos, apenas um viés positivo da questão.

Autores como Pierre Lévy, um dos entusiastas das TIC, celebram a utilização das novas ferramentas a serviço da educação e do conhecimento. Para Lévy, as novas tecnologias possibilitam “novas formas de acesso à informação, navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, *knowbots* ou agentes de *software*, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados” (LÉVY, 1999, p.157).

No entanto, como forma de evitar exageros, outros teóricos desenvolveram um ponto de vista menos entusiasta a respeito das novas tecnologias em sala de aula. Um exemplo é Paulo Serra, teórico português, o qual descreve que o grande alarde sobre uma “revolução” causada pela Internet é uma supervalorização das potencialidades da Internet para a educação. Para o autor, a Internet funciona como fonte de informação,

⁵Disponível em http://www.culturaacademica.com.br/downloads/{7FB2BEA6-9254-432A-803B-B4C1AC031230}_Linguagem_educacao_e_virtualidade-BxRes.pdf. Acesso em 30/05/2010.

recurso pedagógico-didático, instrumento de materialização de projetos e objeto de estudo.

No que se refere concretamente à utilização educativa da Internet, devido às suas características específicas enquanto meio de comunicação, ela permite não uma "revolução", como muitas vezes se anuncia, mas a ampliação e o aprofundamento de cada uma das possibilidades educativas já permitidas, há muito, por meios como a rádio ou a televisão (SERRA, 2007, p.5).

Dessa forma, as políticas definidas como de inclusão digital, realizadas por organizações não-governamentais e por órgãos do governo, tornaram-se mais frequentes ultimamente. Outro fator importante para a disseminação do acesso à Internet no Brasil, principalmente nos últimos anos, é o aumento do número de *lanhouses*, locais em que o acesso à Rede é pago de acordo com o tempo de uso. Esses ambientes são muito frequentados por jovens e adolescentes, que vão até eles para jogar *on-line*, visitar páginas de redes sociais e fazer pesquisas.

De acordo com levantamento feito pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) em 2008, o Brasil possui aproximadamente cem mil *lanhouses*, que recebem trinta milhões de usuários por dia em todo o Brasil.⁶ O crescimento do número de pessoas com acesso à Internet também tem sido uma preocupação dos governos.

O Ministério da Educação criou Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), que tem como objetivo promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. Os números favoráveis à inclusão digital, maneira como é chamada a chance de mais pessoas acessarem as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, servem como uma importante propaganda para os políticos.

1.2 Adequação dos professores à Internet

A Internet, embora seja motivo de discussões, ainda não é completamente utilizada pelos professores. Embora mereça destaque nos anúncios das escolas, a chamada informática educativa não oferece, nem

⁶Revista .Br. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao02/index.htm>.

exige, todas as potencialidades que as novas TIC disponibilizam para quem sabe utilizar suas ferramentas.

No caso dos *blogs*, como são ferramentas autorais, merecem um destaque maior. O autor de uma página na Internet deve conhecer suas responsabilidades. A visão de muitos autores sobre a Rede é que ela é um grande espaço livre, sem regras para sua utilização.

Em um primeiro momento, a Internet apresentava-se como um instrumento governamental e militar. Em seguida, a Internet desenvolveu-se como um ambiente de participação coletiva, no qual as iniciativas particulares são muito importantes para melhorar as condições de acesso e de trocas de informações. Apesar do aspecto comercial cada vez mais explorado nos últimos anos, a chamada Web 2.0 reflete um cenário cada vez mais participativo.

Os usuários da Internet, atualmente, em razão de sua participação cada vez mais ativa, estão sendo conhecidos por um neologismo em inglês que mistura as palavras consumidor (*consumer*) e produtor (*producer*), criando o termo *prosumer*.

A arquitetura da Internet foi desenhada deliberadamente para dificultar seu controle, mas não a vigilância da mensagem. E por isso, a Internet, mesmo sofrendo cada vez mais interferências à livre comunicação, é o meio de comunicação local-global mais livre que existe, permitindo descentralizar os meios de comunicação de massa (CASTELLS, 2006, p. 227).

Dessa forma, os professores precisam se adequar a uma realidade em que a produção de conteúdo é descentralizada e, embora as empresas possuidoras dos meios de comunicação de massa ainda tenham grande influência no ambiente *on-line*, a participação coletiva alimenta a Rede com informações das mais variadas formas e em tempo real, como afirma Ricardo Nunes em seu artigo *Informação multimídia: quando os leitores são construtores de narrativas*⁷.

A leitura e a descoberta dos documentos on-line vão exigir uma pedagogia, uma nova aprendizagem que exige com-

⁷Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/nunes-ricardo-noticia-multimedia.pdf>. Acesso em 10/07/2010.

plexas operações cognitivas, pois só aparentemente o utilizador se movimenta num quadro de facilidades. Esta é, seguramente, uma das ironias da aventura digital: o processo on-line não previu uma aprendizagem formal por parte dos leitores. O novo formato impôs-se enquanto modelo, forçando a uma pedagogia autodidacta, contrariamente ao tradicional ensino livresco e presencial de uma sala de aula. Circunstância que faz da Internet, um imenso laboratório de novas experiências em tempo real (NUNES, 1999, p.1).

Os blogs são utilizados em escolas, sejam elas públicas ou particulares. Nessas últimas, as aulas de informática, muitas vezes chamadas de informática educativa, são descritas como diferencial de qualidade. O oferecimento da disciplina acaba atraindo muitos pais, que consideram que o domínio do uso dos computadores é importante para os filhos. No entanto, de acordo com as pesquisas desenvolvidas sobre a utilização das TIC nas escolas e com a prática de muitos professores, a valorização do ensino de informática nas escolas esconde erros conceituais.

Os professores que trabalham em escolas que oferecem a disciplina chamada informática educativa argumentam que as atividades não estimulam os alunos a produzirem conteúdo e a terem acesso às informações disponíveis, embora seja impossível ter acesso a todo o conteúdo presente na Rede.

Em *Cibercultura* (1999), Pierre Lévy destaca que até as metáforas utilizadas em relação ao conhecimento são diferentes. O autor afirma que não há mais hierarquias como antes, o que mudou a maneira como o conhecimento é encarado.

As metáforas centrais da relação com o saber são hoje, portanto, a navegação e o surfe, que implicam uma capacidade de enfrentar as ondas, redemoinhos, as correntes e os ventos contrários em uma extensão plana, sem fronteiras e em constante mudança. Em contrapartida, as velhas metáforas da pirâmide (escalar a pirâmide do saber) da escala ou do cursus (já totalmente traçado) trazem o cheiro das hierarquias móveis de antigamente (Idem, Ibidem, p.161).

Então, como forma de atrair os alunos para uma visão diferente em relação às disciplinas das escolas, cabe aos professores realizar a adequação do conteúdo, tendo como objetivo não somente dar a matéria aos alunos. Os alunos, então, não estando somente em uma posição de receptor de conteúdo, mas também de produtor, poderão ver todas as disciplinas da escola de maneira interligada.

Para isso, é importante que o professor esteja atento aos nós que pode atar entre as diferentes matérias escolares. Além disso, é com a utilização das novas ferramentas, nesse caso os *blogs*, que os alunos podem sentir-se mais próximos das informações e do conhecimento.

Nesse contexto, um dos principais facilitadores da difusão do conhecimento é o hipertexto, modalidade textual muito comum na Internet. Assim, o hipertexto, nova modalidade comunicativa da atual sociedade informatizada, mistura conceitos relativos ao espaço e à temporalidade. Com ele, através das percepções desses conceitos, uma infinidade de possibilidades pode ser traçada e, dessa maneira, o tempo age como ponto ou segmento da imensa rede pela qual todos são movimentados.

O hipertexto suplanta a existência do espaço em razão da própria virtualidade de sua natureza. Como define Lévy em *O que é o Virtual?* (1996), virtual e real não são opostos, o contrário do que se afirma pelo senso comum. Em relação ao hipertexto, o que ocorre é uma relação entre virtual e atual. Em uma leitura na Rede, os *links* presentes em um texto não são reais, mas atuais. A virtualidade deles está manifesta enquanto o leitor não os acessa.

Andrea Ramal também explica o conceito e as mudanças causadas pela popularização do hipertexto na Internet, que, de acordo com a autora são mais do que uma consequência da tecnologia. Ramal considera que o hipertexto corresponde a uma nova maneira de divulgação e organização do conhecimento, uma organização não-linear que abole a tentativa de tornar as informações lineares. Assim,

o Hipertexto é também uma espécie de metáfora que vale para as outras dimensões da realidade. Está aí, uma de suas conexões com o campo educacional. A internalização da estrutura do hipertexto como mediação para a produção de conhecimento implica novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. Como afirmam Landow e Delany

(1991), a hipertextualidade não é um mero produto a tecnologia, e sim um modelo relacionado com as formas de produzir e de organizar o conhecimento, substituindo sistemas conceituais fundados nas ideias de margem, hierarquia, linearidade, por outros de multilinearidade, nós, links e redes (RAMAL, 2000, p. 5).

A realidade que os alunos vivem fora da escola os acostumou a buscar informações, conversar com mais pessoas do que seus pais tiveram oportunidade e consultar as mais diversas fontes.

O ponto principal aqui é a mudança quantitativa nos processos de aprendizagem. Procura-se menos transferir cursos clássicos para formatos hipermídia interativos ou ‘abolir a distância’ do que estabelecer novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de constituição dos saberes. A direção mais promissora, que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a da aprendizagem cooperativa (LÉVY, Op. Cit., p. 170).

Por isso, é importante que os professores tenham o domínio das ferramentas, pois os jovens, já criados na era do hipertexto, desenvolveram uma maneira não-linear, específica do texto lido nos computadores, mesmo que não tenham acesso frequente à Internet. Embora o uso do hipertexto seja descrito como anterior ao desenvolvimento da informática, é com o uso dos computadores, principalmente quando conectados à Rede, que é possível estabelecer novas relações entre diferentes conteúdos por causa da possível participação no texto, que nunca tem uma versão final.

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado, das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos sendo originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura do mesmo corpus. A partir do hipertexto,

toda leitura tornou-se um ato de escrita (Idem, Ibidem, p. 46).

Dessa forma, um professor que tem como objetivo trabalhar com as TIC em sala de aula deve estar ciente de que, embora essa ainda seja uma era de transição, o uso de novas ferramentas faz parte da geração dos alunos criados dentro dessa nova realidade. Cabe, portanto, ao professor definir as estratégias corretas de aproximação do conteúdo de sua disciplina com os hábitos dos alunos atuais.

Para começar, o leitor em tela é mais "ativo" que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa. Se considerarmos o computador como uma ferramenta para produzir textos clássicos, ele será apenas um instrumento mais prático que a associação de uma máquina de escrever mecânica, uma fotocopadora, uma tesoura e um tubo de cola (LÉVY, 1996, p. 40).

Afinal, é com a compreensão do potencial de novas atividades e de mudança na maneira como os próprios professores encaram a produção de conteúdo atualmente que eles conseguem despertar nos alunos a capacidade de ligar conteúdos de matérias diferentes na escola. Para fugir do método que descreve o aprendizado como um curso, fixo e obrigatório em cada uma de suas etapas, o professor precisa conhecer as TIC e desenvolver métodos que integrem as atividades com os *blogs* ao cotidiano escolar.

2 DIFERENÇAS ENTRE OS PROJETOS UTILIZADOS NAS ESCOLAS

As escolas particulares, muitas vezes por questões ligadas apenas ao *marketing*, visando se diferenciar das concorrentes, e os professores, principalmente aqueles ligados à área de informática educativa, se veem no meio de um mercado no qual devem atender às necessidades da escola, dos pais e dos alunos.

O entendimento geral dos pais, principalmente, é de que os alunos precisam aprender a informática de uma maneira técnica, ou seja, aprender a utilizar os mais diferentes *softwares*. Há uma visão predominante de que o domínio da técnica, ou seja, de todos os recursos disponíveis em um computador, ligado ou não à Internet, é que determina o seu bom aproveitamento.

2.1 A Informática Educativa como ferramenta de *marketing*

Os anúncios de aulas de informática como um possível diferencial em relação às concorrentes são visíveis nas fachadas de muitas escolas. Segundo o modelo adotado nessas escolas, os alunos aprendem apenas a repetir atividades passadas pelos professores, mas sem a produção de um conteúdo original. A utilização de planilhas de texto e o uso de ferramentas de desenho são incentivados em um intervalo de tempo que poderia ser aproveitado para a produção própria dos alunos.

Cria-se, portanto, entre os pais, um imaginário de que o aprendizado sobre as ferramentas é mais importante do que o domínio, ou, pelo menos, o conhecimento inicial da técnica. Os alunos, imersos em um mundo que depende dos computadores, não encaram essas novas máquinas com os mesmos conceitos e preconceitos dos seus pais e das gerações anteriores. Mesmo assim, os pais, pensando que os filhos precisam apenas aprender a utilizar os *softwares*, desconhecem as diferenças entre informática educativa e o ensino de informática. As atividades com os recursos disponíveis na Internet devem, portanto, seguir uma lógica em que os alunos busquem mais informações. Espera-se também que as escolas desenvolvam “propostas de exploração que es-

peramos venham a dar fruto no nosso quotidiano escolar” (GOMES, 2005, p. 1).

A escola e as actividades nela realizada ficam mais expostas ao escrutínio público mas também mais próximas das comunidades em que se inserem e abrem-se novas oportunidades para o envolvimento e colaboração de diversos membros dessas comunidades. O médico do centro de saúde ou o farmacêutico da vila podem contribuir com os seus conhecimentos para o desenvolvimento de um blog sobre educação para a saúde. Os pais de uma criança proveniente de outro país podem participar num blog sobre tradições de Natal. As possibilidades são imensas (Idem, Ibidem).

2.2 Utilização dos *blogs* nas escolas

Em *Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação*, AGUADED e BALTAZAR analisam as mudanças ocasionadas pela utilização dos *blogs* como ferramentas educacionais. A potencialidade dos *blogs* como recurso da área de educação justifica-se, pois, segundo os autores, “os *blogs* são um local privilegiado de partilha de opiniões, onde todos têm a possibilidade de se exprimir livremente, partilhar ideias, opiniões e reflexões” (AGUADED e BALTAZAR, 2005, p. 3).

Nesse artigo, os autores destacam que a utilização de *blogs* em escolas pode ser considerada uma maneira de tornar os alunos iguais, eliminando algumas diferenças que podem prejudicar o rendimento dos alunos em sala de aula.

Assim, fica visível que algumas características pessoais, como a timidez, são minimizadas no ambiente on-line. Dessa maneira, os alunos que se recusam a falar em público podem demonstrar seus pontos de vista com mais naturalidade sem o mesmo medo de reprovação que sentem na sala de aula.

Os benefícios que podem advir duma iniciativa deste género são, em primeiro lugar, a motivação dos alunos pela própria disciplina. Estes poderão contactar de forma mais

fácil e rápida com o professor e com outros colegas, colocar questões, partilhar ideias, publicar trabalhos, textos, etc. Daqui pode advir também um maior cuidado com a escrita na medida em que os alunos sabem que poderão ser lidos pelos amigos e familiares e até por estranhos. Neste espaço todos têm a palavra, mesmo os mais tímidos que possam eventualmente ter mais dificuldade a falar em público terão aqui a oportunidade de demonstrar o seu interesse e mérito (Idem, Ibidem).

Além dos fatores relacionados à liberdade, que pode fazer com que todos os alunos se sintam responsáveis pela produção de conteúdo, há no artigo, de acordo com os autores, uma classificação dos blogs de acordo com a produção, finalidade e estilo que cada um apresenta. Dessa forma, em uma escola, um *blog* pode ser de professores, de alunos ou de disciplina. Cada um destes modelos apresenta características próprias.

Os *blogs* de professores são utilizados como diários dos professores. Mas, de acordo com os autores, “falta a estes *blogs* o dinamismo, a comunicação e, portanto, existem como uma página *web*” (AGUADED ; BALTAZAR, 2005). Essa análise faz crer que os *blogs* de professores são mal utilizados, pois os professores não aproveitam o espaço para desenvolver novas atividades ou atuar como mediadores dos alunos em suas tarefas.

Outro modelo de *blog* corresponde aos *blogs* de alunos, que são descritos em três categorias diferentes. O primeiro tipo corresponde aos *blogs* usados como trabalho de avaliação para alguma disciplina, isto é, que funcionam apenas durante a elaboração do trabalho escolar. Assim que a atividade é encerrada e a nota é recebida, os alunos param de publicar informações sobre o tema pedido pelo professor.

O segundo tipo de *blog* de alunos é o que funciona como depósito de conteúdo, no qual os alunos listam uma série de *links* para outros *sites*. Esse tipo de *blog* é consultado pelos outros alunos como fonte de pesquisa para os assuntos que lhes interessam.

Há também os *blogs* de colegas de escola que são criados por um grupo e servem para a organização do trabalho enquanto ele é feito. Esse tipo de *blog* também pode ser usado por um grupo de estudos de determinada disciplina.

Em seguida, depois de analisar os *blogs* de professores e de alunos, os autores descrevem os *blogs* de disciplina, que podem ser considerados os mais completos, pois envolvem a participação dos alunos e professores em atividades que dão continuidade ao conteúdo de sala de aula.

A participação de todos dá a este tipo de blogs uma dinâmica que os enriquece, pelo que consideramos que é este o tipo de blogs com mais potencialidades no ensino e que mais se deverá desenvolver (Idem, Ibidem).

Dessa forma, é preciso que as atividades planejadas pelo professor estejam de acordo com o novo paradigma descortinado pela Internet e pelas novas tecnologias presentes em sala de aula e na vida dos alunos. Em uma entrevista concedida a Paola Gentile e Roberta Bencini⁸, Philippe Perrenoud fala sobre as competências necessárias para os professores atualmente.

Logo no início da entrevista, o teórico define competência como “a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”.

Na entrevista, quando questionado sobre as origens das competências para a educação, Perrenoud destaca que a escola preocupa-se mais com algumas situações curriculares do que em aproveitar os conceitos aprendidos na vida dos alunos.

Durante a escolaridade básica, aprende-se a ler, a escrever, a contar, mas também a raciocinar, explicar, resumir, observar, comparar, desenhar e dúzias de outras capacidades gerais. Assimilam-se conhecimentos disciplinares, como matemática, história, ciências, geografia etc. Mas a escola não tem a preocupação de ligar esses recursos a certas situações da vida.⁹

⁸Entrevista disponível em http://www.crescer.med.br/textos/Perrenaud_competencias.pdf. Acesso em 21/07/2010

⁹Disponível em http://www.crescer.med.br/textos/Perrenaud_competencias.pdf. Acesso em 21/07/2010.

Além disso, o autor, em *Dez Novas Competências para Ensinar* (2000), afirma que os professores devem estar aptos para o uso de novas tecnologias relacionadas à educação. Para isso, ele demonstra que os professores devem ser capazes de utilizar editores de texto, explorar as potencialidades educacionais dos *softwares*, saber utilizar a Rede para se comunicar e conhecer as ferramentas multimídia, pois, além de conhecer diferentes ferramentas computacionais, é preciso saber como utilizá-las para a educação. Não adianta uma sala com computadores modernos com acesso à Rede, bons *softwares* e conexão banda larga se o professor não estiver apto a explorar e incentivar os alunos a esgotarem todas as possibilidades desse ambiente.

Portanto, na descrição da oitava competência, “utilizar as novas tecnologias”, Perrenoud dedica-se à explicação do uso dos recursos tecnológicos e informáticos a favor da abertura de novos métodos de trabalho em sala de aula. Em *Dez Novas Competências para uma Nova Profissão*, artigo publicado na Revista Pedagógica, Perrenoud deixa claro que as aquisições de novas competências não correspondem a uma mudança abrupta, mas uma mudança progressiva.

Algumas formas de "dar aula" desaparecem lentamente, enquanto outras assumem uma crescente importância. Algumas delas, que eram parte integrante da profissão, agora pertencem à tradição, ao passo que outras, reservadas aos militantes, integram-se pouco a pouco à identidade e aos recursos do professor da base.¹⁰

Assim, é possível compreender que não está havendo uma mudança radical, uma ruptura entre modelos clássicos e novos de “dar aula”, como afirma Perrenoud, mas uma incorporação gradual de novas experiências que alteram o cotidiano de trabalho dos professores quando, ainda não habituados à aplicação de atividades em novos formatos, acabam sendo pressionados pelas iniciativas daqueles que entendem que é necessário buscar novas maneiras de lidar com o conhecimento. Dessa forma, uma grande novidade pode passar a ser percebida como uma prática normal, quando inserida na prática dos professores.

¹⁰Disponível em http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2001/2001_23.html. Acesso em 27/07/2010.

3 PROJETOS COM NOVAS MÍDIAS EM DISCIPLINAS ESCOLARES

Todas as chamadas tecnologias educacionais, um conjunto de recursos que envolve desde os tradicionais livros didáticos até os recentes livros digitais, são ferramentas utilizadas pelos professores para dar mais dinamismo às aulas.

Os professores que dão início às atividades com *blogs* e outros recursos das mídias digitais podem passar por diversas situações, mesmo dando aulas da mesma disciplina. Pelo fato de muitas vezes serem funcionários de escolas e cursos com metodologias e focos diferentes, os professores ora possuem mais liberdade, recebendo estímulos da instituição, ora são desencorajados quando decidem criar ou sugerir uma atividade nova, mesmo que não seja inovadora.

Dessa forma, fica claro que em muitos casos os profissionais apresentam conhecimentos necessários e vontade para desenvolver novas atividades, mas são limitados por regulamentos internos ou pela vontade dos pais e até mesmo dos próprios alunos. Embora a intenção de aplicar atividades com as mídias digitais seja grande, é preciso que os professores avaliem qual é a melhor forma de utilização dos novos recursos digitais em suas aulas.

Como afirma Lévy (1999), não adianta utilizar as novas mídias para a educação sem planejamento. O autor defende que deve haver um estudo e um acompanhamento das reais necessidades para a implementação dessas atividades. Além disso, a mudança no modo como o conhecimento, principalmente o acúmulo de conhecimento, é encarado será passível de alteração.

A lógica sobre a divisão de conteúdo, de acordo com o teórico, tende a mudar à medida que as pessoas não são mais avaliadas por requisitos particulares ou por habilidades específicas. O conhecimento, dessa forma, não ficará mais restrito, pois passará a ser de todos.

A antiga relação com a competência era substancial e territorial. Os indivíduos eram reconhecidos por seus diplomas, que, por sua vez, eram vinculados a disciplinas. No futuro, irá tratar-se de gerenciar processos: trajetões e operações. As diversas competências adquiridas pelos in-

divíduos de acordo com seus percursos singulares virão alimentar as memórias coletivas (Lévy, 1999, p. 174).

Cabe, então, ao professor a tarefa de desenvolver atividades que sejam, ao mesmo tempo, relacionadas ao conteúdo de sua disciplina e que apresentem ligações com outros campos do conhecimento.

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar conscientemente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno (Idem, Ibidem, p. 172).

Desse modo, é possível compreender que a utilização de novas tecnologias educacionais não pode ser impositiva, correndo o risco de reproduzir o modelo tradicional em que o professor se coloca como portador e transmissor de conhecimento.

A presença das novas mídias na educação seria, portanto, uma alteração no modo como os professores e alunos se relacionam, principalmente em relação à aquisição e produção de conhecimento, pois, nessa nova realidade em que as informações sobre os mais variados assuntos estão disponíveis na Rede, é preciso que os estudantes sejam capazes de buscá-las e interpretá-las.

3.1 Experiências de professores

Alguns professores, mesmo que em iniciativas isoladas, conseguem desenvolver atividades utilizando ferramentas digitais com seus alunos. Tais iniciativas partem, algumas vezes, dos professores de informática educativa, como acontece com a professora Shirley Pontes. Ela trabalha em uma escola particular em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, e pretende desenvolver projetos que envolvam a utilização de recursos tecnológicos com os alunos. As atividades planejadas para alunos do ensino fundamental e médio, de acordo com a professora, devem envolver muitos recursos.

A importância do professor se capacitar com essa tecnologia é que hoje em dia grande parte dos alunos já está familiarizado com esses avanços tecnológicos. A maioria deles acessam a Internet e conhecem as ferramentas da Web 2.0, porém não as utilizam para fins educativos. Ninguém precisa ensinar um aluno a criar e utilizar Orkut, MSN, Facebook, blog etc, pois eles aprendem sozinhos. Porque isso interessa a eles, e nem precisam ser pressionados a aprender.¹¹

Para Shirley, é muito importante que o professor saiba explorar e desenvolver o conhecimento que os alunos possuem. Como os jovens dominam as ferramentas da Internet principalmente para o lazer, o professor deve incentivar outro uso, mostrar aos alunos quais são as potencialidades educacionais de cada ferramenta.

O professor pode utilizar essas ferramentas em seu benefício. Criando Wikis, Webquest, fazendo com que eles utilizem a criatividade, criem vídeos relacionados a temas especificados pelo professor e postem no YouTube e nos blogs.¹²

O site da revista Nova Escola dispõe de muitas matérias dedicadas ao uso de novas tecnologias em sala de aula, exemplificando como professores de disciplinas diferentes podem utilizar esses novos recursos para uma aula mais dinâmica e mais próxima à realidade e gosto dos alunos. Uma reportagem da edição 223¹³, de junho de 2009, dedica-se ao uso de ferramentas digitais para o ensino de línguas estrangeiras. Nesse caso, foi abordado o uso de ferramentas para teleconferência, como Skype e Google Talk. Outro exemplo mencionado na matéria foi a produção e edição de vídeos para uma aula de espanhol em uma escola em Salvador, na Bahia. A tarefa foi considerada positiva pelo professor,

¹¹Entrevista concedida a Eduardo Passos em 15/07/2010

¹²Idem.

¹³Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/pratica-pedagogica/como-utilizar-ferramentas-digitais-ensinar-linguas-estrangeiras-476017.shtml>. Acesso em 02/08/2010.

pois os alunos, além de utilizarem o *MovieMaker*, praticavam a pronúncia e a entonação durante as gravações.

Em matéria publicada em fevereiro de 2007¹⁴, no *site* da revista *Época*, já era destacada a importância dos *blogs* para o estímulo da produção de pesquisas e para incentivar a troca de informações. A reportagem destaca exemplos de uso dos *blogs* com os alunos. Um deles mostra o caso de uma escola pública de Araxá, no estado de Minas Gerais, em que os *blogs* foram usados para que os alunos publicassem os resultados de suas pesquisas em todas as disciplinas por iniciativa da diretora da escola.

Outro exemplo é o caso da professora Cecília Nobre, que trabalha em duas escolas particulares e também dá aulas particulares de inglês no município do Rio de Janeiro. Ela diz que estimula o uso dos recursos das novas mídias pelos alunos, mas não pode trabalhar com eles da mesma forma em seus três locais de trabalho. Ela considera que a utilização dos recursos disponibilizados pelas mídias digitais torna o aprendizado mais próximo, pois aproxima a realidade de alunos e professores. No entanto, ainda há uma dificuldade por parte de alguns professores de adotar as mesmas atividades em suas turmas.

*Há ainda uma relutância em relação aos professores. Muitos não querem se envolver ou aprender novas técnicas. Mas as crianças adoram quando eu mostro jogos novos online e outros sites interativos. Gosto de deixá-las criarem.*¹⁵

Ainda sobre a experiência que possui na escola, a professora destaca que, apesar dos investimentos que a instituição faz para a compra de equipamentos, muitas medidas são tomadas para impedir o acesso a determinados sites, pois “páginas como YouTube são bloqueadas”. Já em relação às aulas particulares, ela declara que há muito mais liberdade para a utilização dos novos recursos da Internet.

Com meus alunos particulares eu posso explorar muito mais. Eu uso diversos *sites*, incluindo Twitter e Facebook¹⁶

¹⁴Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76347-6014-456,00.htm>. Acesso em 02/08/2010.

¹⁵Entrevista concedida a Eduardo Passos em 01/08/2010.

¹⁶Redes sociais. Disponíveis em <http://www.twitter.com/ehttp://www.facebook.com/>.

para interagir com eles, guardo meus sites favoritos no Delicious¹⁷. Também uso telefones celulares e meu gravador de voz. Uso a ferramenta de gravador de voz e câmera para avaliar a performance deles. As crianças adoram quando eu mostro jogos novos *on-line* e outros sites interativos.¹⁸

Assim, para que os estímulos gerados nos alunos deem resultado, é preciso oferecer condições para que eles tenham iniciativa para produzir conteúdo. O filósofo José Bernardo Toro (1997) delimitou sete competências necessárias para a produção de conteúdo no século XXI¹⁹.

Dentre essas competências, é preciso destacar a que supõe que, para a construção de uma nova realidade dentro de sala de aula, com a aplicação de exercícios em novos formatos, e para a transmissão de conteúdo aos alunos, os alunos também precisam se adequar em algumas situações. Eles devem dominar a leitura e a escrita como competências indispensáveis para a convivência e para o trabalho em uma sociedade cada vez mais urbanizada e dependente da técnica.

Outras competências descritas, que consideramos como relevantes para esta pesquisa, são as capacidades de localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada. Dessa maneira, o jovem torna-se apto a consultar as mais variadas fontes de informação, sabendo manusear e combinar as informações que atendem às suas necessidades.

Assim, percebe-se que a simples utilização dos recursos das novas mídias não é fator único para a integração de alunos e professores em um ambiente, seja ele virtual ou não, que possibilite a troca de informações e de produção de conteúdo. Essa troca precisa ser incentivada por todas as partes envolvidas.

¹⁷Página para indexação de *sites* favoritos. Disponível em <http://delicious.com/cecinobre79>. Acesso em 01/08/2010.

¹⁸Entrevista concedida a Eduardo Passos em 01/08/2010.

¹⁹Disponível em <http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/mediateca/artigos/codigosdamodernidade.pdf>. Acesso em 07/08/2010.

CONCLUSÃO

A Internet e os novos meios de comunicação digitais propiciaram novas oportunidades aos professores. A transmissão do conteúdo dos currículos escolares pode ser feita com a utilização de novas ferramentas que aproximam as experiências de professores e alunos.

Com leitura de bibliografia pertinente ao tema e utilizando entrevistas com profissionais da área, é possível perceber que o uso de recursos disponíveis na Internet – redes sociais, *blogs*, *wikis* – modifica a dinâmica das aulas. Afinal, a transmissão de conteúdo pode se transformar em uma troca contínua de informações, o que pode vir a ajudar os alunos a desenvolverem potencialidades.

Outra maneira de perceber como as novas tecnologias mudaram a forma de trabalho é a observação do cotidiano dos professores. Por isso, foi necessário entrevistar duas professoras, ambas com vontade de atualizar a maneira como os conteúdos são ensinados em sala de aula. No entanto, embora haja o esforço de inserir a informática nas escolas, essa inserção não atende, na maior parte dos casos, ao caráter educativo que o uso dos computadores poderia apresentar.

Além disso, com a leitura de matérias publicadas em *sites* nos últimos anos, foi possível compreender como esse fenômeno da utilização de *blogs* e ferramentas digitais se desenvolveu ultimamente.

Dessa forma, compreende-se que os professores devem buscar maneiras de utilizar os recursos das novas mídias com o incentivo das escolas. Somente assim poderá haver uma mudança mais significativa na dinâmica das aulas e a conseqüente troca de experiências entre alunos e professores, dando liberdade para que os estudantes assumam uma postura mais ativa em relação à produção de conteúdo favorecida pela Web 2.0.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGUADED, Ignácio, BALTAZAR, Neusa. *Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação*. IV Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Aveiro, 2005.

CASTELLS, Manuel. *Inovação, liberdade e poder na era da informação*. In. De Moraes, Dênis. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

FREIRE, Maximina Maria. *Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando...*. In. GREGOLIN, Isadora; MAYRINK, Mônica; SOTO, Ucy. Linguagem, Educação e Virtualidade. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GOMES, Maria João. *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. In. COSTA, Rogério, MENDES, Antonio, PEREIRA, Isabel. Ata do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O Futuro da Internet*. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

LÉVY, Pierre. *O Que é o Virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996.

NUNES, Ricardo. *Informação multimédia: quando os leitores são construtores de narrativas*. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/nunes-ricardo-noticia-multimedia.pdf>.

PERRENOUD, Philippe. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Construindo competências*. Disponível em http://www.crescer.med.br/textos/Perrenaud_competencias.pdf.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Ler e Escrever na Cultura Digital*. Porto Alegre: Revista Pátio, ano 4, no. 14, agosto–outubro 2000.

SERRA, Paulo. *A Internet como recurso educativo*. Anais de Seminário, Covilhã. 2007. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-internet-recurso-educativo.pdf>.

SOUZA, Edney. *Blogs*. In: *Para entender a Internet*. p.3 Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2009/03/20/livro-para-entender-a-internet-e-gratis-e-cabe-em-um-email/>.

TORO, José Bernardo. *Capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI*. Disponível em <http://www.ufrn.br/sites/enghodesonhos/mediateca/artigos/codigosdamodernidade.pdf>.